



APRESENTAÇÃO

Ser jornalista freelancer é estar sempre na corda bamba, em busca do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, entre créditos e débitos, entre a realização e a necessidade. Podem-se citar várias vantagens da atuação como frila, assim como não é difícil enumerar uma série de desvantagens. Há quem experimente e deteste, e há quem experimente e adore. Depende do momento de vida, das expectativas relacionadas à profissão e, sobretudo, de como a carreira se desenvolveu até a independência.

Não se sabe quantos jornalistas há atuando em tempo integral como freelancers no Brasil, mas certamente são centenas. Em muitas cidades há casos como o meu – autônomos que conseguiram superar as barreiras geográficas e não se limitam a atuar no estado em que residem –, além de tantos outros com atuação regional.

Muitos dos jornalistas que se tornam freelancers o fazem por opção, outros justamente pelo motivo inverso, a falta de opções. Cada um tem suas razões. Há os que começam depois de uma demissão ou pela dificuldade para conseguir emprego, os que têm motivações temporárias – ficar perto dos filhos pequenos ou a necessidade de horários flexíveis para fazer um mestrado – e os que viram frilas simplesmente por imaginar que serão mais felizes sem um emprego fixo.

Quando decidi me tornar freelancer, em 2003, fui acostumado de todos os receios típicos de quem havia se acostumado a empregos de carteira assinada. Tinha 31 anos de idade e trabalhava desde os 14, sempre como funcionário. A minha geração cresceu ouvindo que emprego bom era no Banco do Brasil – tão estável que você entrava no primeiro dia já planejando a aposentadoria. Para as mães daquela época, a alegria de ver o nome do filho na lista dos aprovados no concurso do banco era quase a mesma de ganhar uma fortuna na loteria, tamanha a sensação de segurança que isso representava.

Eu não sabia se a minha aventura como freelancer daria certo, mas percebia vários indícios de que jornalistas “avulsos” seriam cada vez mais requisitados. As empresas de comunicação se viam obrigadas a diversificar seus produtos para ocupar espaço no mercado. Dentro da minha área de atuação, a mídia impressa, essa expansão podia ser percebida em qualquer banca de jornais e revistas. Novos títulos, edições especiais, anuários e publicações temáticas eram lançados a todo momento. Em um movimento oposto, entretanto, as equipes fixas se tornavam cada vez mais enxutas diante da ordem geral de cortar custos. Seria inevitável convocar ajuda externa para dar conta de tudo.

Fenômeno semelhante ocorria nas emissoras de TV, nas produtoras de vídeo, nas assessorias de imprensa, nos sites, enfim, em todas as empresas ligadas ao setor da comunicação. Sempre se ouvia falar de alguém que estava precisando de gente para fazer algum trabalho como freelancer – e não era fácil encontrar bons profissionais disponíveis, pois a maioria estava empregada.

Graças ao desenvolvimento dos recursos de comunicação, já era possível trabalhar em um escritório doméstico e ao mesmo tempo sentir-se verdadeiramente conectado ao mundo. Internet e telefone estavam deixando de ser recursos excessivamente caros. Não era difícil montar e manter uma infraestrutura tão boa ou até melhor do que a encontrada nas redações. Desfrutar de plenas condições para executar tarefas a distância seria um aspecto essencial para mim, já que a tran-

sição da vida de funcionário para a de freelancer coincidiria também com a mudança de São Paulo para Florianópolis.

Eu sonhava em viver na bela capital catarinense e continuar trabalhando basicamente para São Paulo, onde passara os quatro anos anteriores como repórter da *Gazeta Mercantil*, da *Veja* e coordenador editorial da Contexto, a editora que agora publica este livro. Imaginei que poderia ser também uma opção para veículos nacionais quando precisassem cobrir uma pauta em Santa Catarina. Se eu conseguisse realizar o plano, seria como ter o melhor de dois mundos.

Pouco importa se você está em São Paulo, em Florianópolis ou em qualquer outro lugar quando a tarefa dispensa apuração *in loco*, e parte considerável dos trabalhos ligados à área de comunicação tem essa característica. Nos casos em que a presença no local é necessária, enviar alguém de outro estado já não representa acréscimo tão significativo aos custos, graças ao barateamento das passagens aéreas – muita gente considera que ter alguém de confiança à frente da missão compensa as diferenças no orçamento.

Se meu projeto como frila não desse certo, restariam dois caminhos: voltar a São Paulo, onde deixara várias portas abertas, ou procurar emprego em Florianópolis, onde eu conhecia muita gente por ter cursado Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e por ter trabalhado nos jornais e revistas locais durante os primeiros anos da carreira.

Mas tudo transcorreu da melhor forma possível e hoje não troco minha vida de frila por nenhum emprego fixo.

Obviamente posso vir a mudar de ideia, mas neste momento não consigo imaginar um trabalho que compense todas as vantagens que vejo em ser independente. Uma das principais, para alguém que não tem a menor vocação para comandar subordinados e lidar com questões administrativas, é que um frila tem a possibilidade de obter uma remuneração gradualmente melhor sem se ver obrigado a assumir cargos de chefia.

Nas redações de jornais e revistas, quase sempre é preciso virar editor para ganhar melhor. E editores inevitavelmente se afastam um pouco do trabalho jornalístico, pois precisam administrar a equipe e lidar com certas burocracias. Eu adoro o fato de que, como frila, consigo continuar me dedicando em tempo integral ao que sempre gostei de fazer – apurar e escrever.

Com este livro, pretendo ajudar outras pessoas a encontrar o caminho da realização como jornalista freelancer. E também a evitar possíveis decepções, já que os aspectos que podem atrapalhar um frila também estarão sendo abordados aqui.

Para que o relato não ficasse limitado ao meu ponto de vista, ouvi colegas que enriqueceram tremendamente o conteúdo. São profissionais destacados em diversas áreas do jornalismo, que têm em comum a experiência de atuar como freelancer ou de contratar frilas. Graças a essas preciosas colaborações, citadas ao longo do texto, a maior parte do que será dito aqui cabe, de forma genérica, a qualquer área do jornalismo.

Este livro se propõe a ser um aliado de quem já é freelancer ou daquele que vislumbra a possibilidade de um dia tornar-se autônomo. Como eu tenho certeza absoluta de que essa alternativa já passou pela cabeça de todos os colegas, considero que o público-alvo é, na realidade, toda a comunidade de jornalistas.

Acho importante deixar claro, desde o início, o que compreendo como trabalho freelancer. Refiro-me a profissionais que têm liberdade para se relacionar simultaneamente com mais de um contratante e não precisam cumprir expediente em nenhum deles. O chamado “frila fixo”, aquela situação em que o profissional trabalha exclusivamente para uma empresa sem que haja um prazo estabelecido para que a relação chegue ao fim, não passa, a meu ver, de uma estratégia para burlar as leis trabalhistas.

Ao publicar este livro, sinto que tenho a obrigação de contribuir para mudar a imagem do trabalho freelancer, que no Brasil costuma estar associado a uma condição indesejável. Muitas pessoas imaginam que só atua como autônomo quem não consegue um bom emprego. Eu mesmo carregava um pouco desse preconceito antes de me tornar frila.

Ao longo dos últimos sete anos, no entanto, recusei boas propostas de emprego. Além das portas abertas em algumas revistas da Editora Abril, poderia ter voltado a São Paulo para trabalhar na *Época Negócios*, uma publicação que admiro, ou assumir um cargo de chefia no *Diário Catarinense*, o principal

jornal de Santa Catarina. Quando eu pesava os prós e os contras, contudo, a balança sempre pedia a favor da minha vida de frila. Conheço vários colegas que estão nessa mesma situação – o que não os impede de mudar de opinião a qualquer momento, claro.

Considero, também, que é importante desmistificar a imagem romântica que se faz do jornalista freelancer como um sujeito que sai pelo mundo pautado por si próprio e tem o resultado do seu trabalho disputado por vários clientes em potencial. Não digo que esse estágio seja impossível de alcançar, mas apenas por profissionais que conquistaram um alto nível de reconhecimento – ou por aqueles que receberam uma bela herança e não têm que se preocupar com contas. O normal é trabalhar predominantemente sob demanda, cumprindo missões definidas pelo contratante. Nesse meio-tempo, consegue-se emplacar uma ou outra ideia própria.

Quem é frila em tempo integral e precisa correr atrás de dinheiro para pagar as contas não pode se dar ao luxo de fazer apenas o que quer. A maior parte do trabalho vem das encomendas. Ou seja: alguém o consulta para saber se você gostaria de assumir determinada tarefa, com prazo determinado para ser concluída e pela qual pagará certa quantia. Ciente das condições, você aceita ou recusa.

Em decorrência, sobretudo, do meu blog Vida de Frila, sou eventualmente convidado a dar palestras ou participar de mesas-redondas em cursos de Jornalismo. Numa dessas

ocasiões, um dos estudantes parece ter se ofendido quando eu disse que fazia trabalhos por encomenda: – Quer dizer que se a revista mandar você fazer uma matéria falando bem de Jesus, você faz, e se mandar falar mal, você faz também?

Expliquei ao rapaz que “trabalhar por encomenda” não significa abrir mão dos princípios básicos do jornalismo – imparcialidade, ouvir os dois lados, fugir de pré-concepções e preconceitos etc. Mas a forma como ele interpretou o que eu havia dito reforçou a minha sensação de que os cursos de Jornalismo nem sempre preparam os estudantes para o mercado “de verdade”, pelo simples fato de que muitos professores não sabem como as coisas funcionam. Alguns saíram direto da graduação para o mestrado e depois para o doutorado, e nem chegaram a enfrentar uma redação. Outros até passaram por redações, mas estão há tanto tempo na academia que perderam o contato com a realidade.

De minha parte, posso dizer que atuar como freelancer me proporcionou uma combinação entre satisfação profissional e qualidade de vida que até então eu não havia experimentado trabalhando para um único patrão. Não quero afirmar, com isso, que todo emprego de carteira assinada é insatisfatório ou que todo mundo conseguiria se adaptar à vida de frila. Tudo o que não pretendo aqui é ditar regras. Quando se trata da nossa própria carreira – e da nossa própria vida –, ninguém melhor do que nós mesmos para saber o que é bom e o que é ruim.